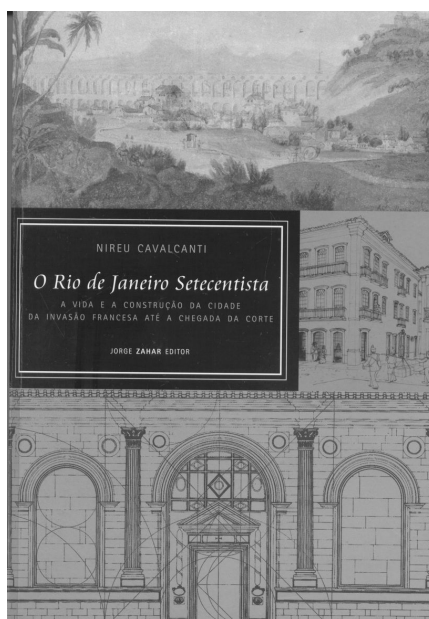


O Rio de Janeiro que Dom João conheceu

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros*



O ciclo de homenagens ao bicentenário da chegada da Corte, isto é, da transferência do governo monárquico português para o Brasil, é uma boa oportunidade de se lerem e relerem obras que tratam da questão de como era o Brasil Colonial. No caso da análise sobre a cidade do Rio de Janeiro, que abrigou a Corte a partir de 7 de março de 1808, recomendo a leitura do livro *O Rio de Janeiro Setecentista: a Vida e a Construção da*

Cidade da Invasão Francesa até a Chegada da Corte, de Nireu Cavalcanti. O autor é arquiteto e doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – com tese que resultou no livro – e professor do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF).

A dupla formação desse professor lhe permitiu fazer uma análise da cidade de forma abrangente e profunda, resultando em uma

* Antropóloga, Doutora em Ciências Sociais e Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
E-mail: luitgarde@globo.com.



obra de História Urbana (matéria pouco conhecida entre nós), na qual a sociedade é tratada numa visão sociológica, histórica e cultural e a cidade vista como resultado das ações advindas da estrutura colonial de governo, uma construção material e imaterial daquela sociedade. Dividido em três partes acrescidas de oito anexos, o livro traz, além de inovadora análise da urbanização do Rio de Janeiro colonial, inusitadas fontes documentais sobre os temas tratados.

Na primeira parte do livro, por meio de figura literária – alegoria de cinco muralhas –, são tratados os fatores que, segundo Nireu Cavalcanti, condicionaram ou influenciaram a formação e o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro. Na Muralha Mesológica são estudadas as questões da fundação da cidade e suas localizações, primeiramente, por Estácio de Sá, no atual bairro da Urca (01.03.1565) depois transferida por Mem de Sá para o morro que veio a chamar-se do Castelo, em 01.03.1567. Sobre esse período, o autor levanta a hipótese de que o sítio definitivo previsto por Estácio de Sá teria sido a região da Carioca, atuais bairros do Flamengo, Catete, Laranjeiras e Cosme Velho, e não o local escolhido posteriormente por Mem de Sá. Para embasar sua hipótese, o autor, além da documentação histórica tradicional usada pelos historiadores e cronistas, traz-nos dados de seus conhecimentos como arquiteto, explicitando os conceitos vigentes na época (chamados hoje

de urbanísticos) sobre as condições para a boa implantação de um núcleo urbano.

Fazendo História, analisa o crescimento da cidade no novo sítio até o final do século XVIII, tratando a expansão da malha urbana, os problemas de drenagem das águas pluviais, o aterramento das lagoas e manguezais, o clima e a topografia, considerados então como responsáveis pela insalubridade da cidade. Conclui essa abordagem apresentando o projeto dos vereadores e profissionais da saúde para melhorias e embelezamento do Rio, revelando que, já naquele momento, propunham o arrasamento dos morros do Castelo e do Senado, que vieram a ser demolidos no século XX.

Pelas outras quatro Muralhas são analisados diversos condicionantes importantes para o entendimento da cidade do Rio e da sociedade de então: questões das terras públicas, as invasões francesas e conseqüente construção de uma muralha de pedra redesenhando o núcleo urbano; a relação da Companhia de Jesus com a expansão da cidade, detendo-se no estudo dos entraves da relação colonial ao comércio, indústria, educação e ao embelezamento e crescimento da urbe carioca. Conclui a alegoria das Muralhas analisando as barreiras sociais, explicitando a estrutura hierárquica da sociedade e as ações promovidas pelos diversos agentes no sentido de mudanças de nível social, principalmente da condição do escravo para homem livre e do plebeu para titulado.



Destaca-se nesse capítulo o estudo pioneiro sobre as alforrias da população escrava na cidade do Rio de Janeiro.

Enfatizo a parte da “Muralha Colonial”, em que o professor discute a questão da vinda da Corte e levanta, pela primeira vez, o questionamento sobre o número de acompanhantes da Família Real, consagrado pela historiografia como 15.000 mil ou mais pessoas. Embasado em rica pesquisa nos arquivos de Lisboa e do Rio de Janeiro, com a percepção de um arquiteto sobre a questão de espaços, assegurou que esse número não chegaria a 500 pessoas.

A segunda parte, “A cidade e seus profissionais”, é dedicada à organização religiosa, profissional e cultural da sociedade, revelando faces pouco estudadas daquela gente, como a questão do ensino, apresentando a relação dos professores particulares que atuavam no Rio de Janeiro e os aprovados no primeiro concurso público para o magistério, em 7 de maio de 1760, além do comércio de livros, trazendo ao leitor atual a inédita “Livreria do Teixeira” com a relação das obras à venda. Nireu Cavalcanti reescreve a história do teatro na cidade e aprofunda, com dados coletados em pesquisa arquivística, a história dos profissionais da música, revelando a lista inédita das obras usadas na escola do músico Salvador José de Almeida e Faria, na qual estudou o genial padre José Maurício, da área de saúde, dos comerciantes e das confrarias, organizações chamadas devoções,

irmandades e ordens terceiras. Essa segunda parte se encerra com primorosa análise das academias científicas e literárias dos “Felizes” (1740), dos “Seletos” (1752), a “Científica” (1772) e a “Literária” (1786), que resultou na famosa devassa de 1794, pela qual foram presos vários de seus participantes. Elemento novo e interessante é a leitura da parte do processo que faltava, contendo a inquirição do professor régio de grego João Marques. Analisando a Devassa da Inconfidência Mineira, o autor registra pela primeira vez, em mapa, o traçado do cortejo de Tiradentes e o local do enforcamento, situado nas esquinas da atual Avenida Passos com a Rua Senhor dos Passos, retomando a polêmica, tão ao gosto de historiadores da cidade, sobre o local da forca onde foi executado o Inconfidente. O livro registra as criações do inventor Jerônimo Vieira de Abreu; o trabalho do químico João Manso; e as experiências de astronomia e sobre a qualidade do ar e da água na cidade do Rio, feitas pelo matemático Bento Sanches D’Orta e outros.

Na terceira e última parte do livro é dissecada a cidade do Rio de Janeiro com a quantificação de suas edificações, revelados os 2.500 abastados a quem pertenciam 8.500 imóveis e a elite de 190 grandes proprietários donos de 24% desses bens. Esses nomes, sem visibilidade nos trabalhos históricos, formavam rica classe de empresários imobiliários, constituindo essas informações importante contribuição ao estudo do mercado

imobiliário, dos preços dos imóveis e dos aluguéis e da próspera atividade da construção civil do Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XIX.

Nessa parte, a interdisciplinaridade representada pela confluência da arquitetura e da história revela sua importância na familiaridade do autor trabalhando e juntando esses saberes para, em estilo agradável, contar a história do ensino, organização, leitura e principais profissionais da arquitetura e engenharia militar, no mundo luso e sua colônia brasileira. Os técnicos da construção, os entalhadores, pintores, armadores e todos que atuaram na produção da cidade do Rio e de suas construções, foram contemplados com exemplos de suas atuações, sendo feitas biografias corrigidas daqueles sobre os quais a historiografia apresentava lacunas ou informações imprecisas. A partir da documentação dos arquivos da Sé e de cartórios, o autor torna nítidos os perfis dos entalhadores e escultores (imaginários) Inácio Ferreira Pinto, Simão da Cunha, Simeão José de Nazaré, dos pintores João Francisco Muzzi e Manoel da Cunha e Silva e, em especial, do arquiteto, entalhador, escultor e desenhador de objetos Valentim da Fonseca e Silva, autor do chafariz da Praça Quinze e do Passeio Público.

No trecho intitulado “Arquitetura Efêmera”, o livro transporta o leitor às festas que ocorreram no século XVIII, não só pela empolgada narrativa do autor, mas pelos desenhos que fez representando a arquitetura

teatral realizada para esses eventos. Pode-se considerar esse capítulo uma importante reconstituição da cultura carioca que a Corte portuguesa encontrou em sua chegada ao Rio de Janeiro.

O livro é concluído com o convite do autor a caminharmos pela Rua Direita (atual Primeiro de Março). Para deleite do leitor, baseado nas descrições registradas, desenhou as fachadas de todas as edificações que existiam na época, possibilitando a visão oferecida a D. João da cidade do Rio de Janeiro, corte da monarquia portuguesa nos trópicos.

Esse complexo e rico livro escrito de forma clara é de cativante leitura, como afirma Pedro Karp Vasquez, em sua resenha publicada no *Globo* (Prosa & Verso, 17/01/2004):

Seu mérito maior é o de ser erudito sem humilhar ou esmagar o leitor com o peso de sua sapiência, assemelhando-se a um simpático cicerone em cuja companhia é deleitável percorrer as ruas da cidade, transcendendo as restrições temporais para contemplar os esplendores e misérias do período colonial.

Sem temer o clichê, é possível afirmar que O Rio de Janeiro Setecentista é um trabalho de pesquisa que se lê com o mesmo prazer de uma obra de ficção, pois seu autor é daqueles que têm o que dizer e sabe como o fazer, com estilo e elegância — é um historiador que também é um escritor.